



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 9 – Nº 19 - Janeiro - Junho 2014

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

FISGADOS PELAS REDES: BREVE RADIOGRAFIA DOS ACADÊMICOS CONCLUINTES NA UNIDAVI (SC) QUANTO A LEITURA NOS DIFERENTES SUPORTES DE MÍDIA

Autor:

Airton Lorenzoni Almeida¹

¹ Mestre em Educação nas Ciências, área de Comunicação Social (UNIJUI), Professor dos cursos de Jornalismo e de Tecnologia em Comunicação Institucional (UNIDAVI) e Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídias, Linguagens e Sociedade, certificado pelo CNPq. Endereço Correspondência: Rua Donícia Maria da Costa, 483, Saco Grande II, Florianópolis, CEP 88.032-050. almeida.airton@gmail.com Pesquisa financiada com verbas da Fundação de Ampara à Pesquisa, FAPE-UNIDAVI.

FISGADOS PELAS REDES: BREVE RADIOGRAFIA DOS ACADÊMICOS CONCLUINTES NA UNIDAVI (SC) QUANTO A LEITURA NOS DIFERENTES SUPORTES DE MÍDIA

Resumo: Este texto propõe, a partir de dados obtidos em uma pesquisa Survey realizada em 2013 com 168 acadêmicos concluintes da UNIDAVI, uma reflexão sobre usos e apropriações das novas e das tradicionais mídias e suas mensagens de forma crítica no âmbito escolar. Os resultados da pesquisa mostram, entre outros aspectos, que a totalidade dos pesquisados acessam diariamente a internet como mídia informativa. Outro dado significativo é que 55,3% deles não sabem a serviço de quem as informações que consomem são disponibilizadas nas mídias e, pouco mais da metade dos alunos (57,1%) lê e compreende o sentido de um texto na primeira leitura.

Palavras chave: Cultura digital; Mídia-educação; Leitura; TIC.

Abstract: This paper proposes, based on data obtained in a Survey research conducted in 2013 with 168 students graduating from UNIDAVI, a reflection on uses and appropriations of new and traditional media and their messages critically in schools. The results show, among other things, that all the respondents connect to the internet every day to inform. Another significant finding is that 55.3% of them do not know the service of who the consumes information's that are provided in the media, and just over half of the students (57.1%) read and understand the meaning of a text on the first reading.

Keywords: Digital culture; Media Literacy; Reading; TICs

INTRODUÇÃO

Em um dos capítulos de *Dez novas competências para ensinar*, Perrenoud (2000, p. 135-6) propõe aos professores uma instigante reflexão acerca dessa nova configuração social, entrelaçada pelas redes e suas tecnologias de informação e comunicação, cujo acelerado desenvolvimento tem modificado, em vários aspectos da sociedade, das instituições e dos seus atores não apenas a sociabilidade, mas, principalmente, os consumos de bens simbólicos circulantes em rede. Ao comparar os bairros mal afamados nas cidades e a internet o autor lembra que, para qualquer um deles, existem possibilidades de maus ou bons encontros. E que não cabe a censura ou proibição para aventurar-se nos dois territórios, mas sim um mínimo de precaução onde as escolhas sejam lúcidas e um espírito crítico desenvolvido.

Perrenoud (2000) reforça que, sob o aspecto de uma pedagogia crítica aos meios, seria muito melhor a escola [e porque não a própria família] deixar de censurar e passar a prover crianças e adolescentes com competências e habilidades que lhes permitam capacidade de não se tornarem escravas das tecnologias e sim donas de competências aguçadas para resistir às manipulações e também de proteção à sua esfera pessoal. Que saibam distinguir o que é espaço público e espaço privado, e quais são os limites destes. Parece fato que essas observações de Perrenoud não apenas propiciam reflexões, mas acima de tudo provoquem

ações nos espaços formais e não formais de educação, uma vez que a escola e a sociedade estão diante de uma nova geração marcada essencialmente pelos velozes avanços tecnológicos.

No estudo *Zero to Six: electronic media in the lives of infants, toddlers and preschoolers*, desenvolvido em 2003 por Rideout, Vandewater e Wartella para a The Henry J. Kaiser Family Foundation, as autoras descrevem o aparecimento de uma “nova geração” herdeira das novas tecnologias: a geração mídia na tela, ou seja, jovens acostumados a assistir TV, vídeos, DVDs, usar computadores, smartphones e jogar videogames em operações simultâneas. Este termo ganhou outras adjetivações, como nativos digitais ou geração 2.0, numa clara alusão aos herdeiros da revolução tecnológica digital que se instaurou nesta contemporaneidade.

O fenômeno do surgimento deste grupo, também batizado como tribo do tudo-agora, no entanto, não é novo. Já na década de 1960 Marshall McLuhan (1969), no texto *L’avenir de L’ducation: la génération de 1989*, alertava que uma geração profundamente marcada pelos efeitos dos suportes midiáticos eletrônicos estava se formando. Tratava-se de uma geração sensorial, marcada pelo excesso de informação e consumo de bens, inclusive simbólicos, vendidos de forma espetacularizada em uma sedutora embalagem de imagens, sons e textos pela própria tecnologia/mídia que os envolvia. É a geração mídia na tela que hoje muitos educadores enfrentam nas salas de aula, na maioria das vezes, sem conseguir dar conta das suas demandas e exigências pessoais.

Entretanto o próprio McLuhan, em diversas passagens de sua obra, retoma a questão de que as respostas aos problemas encontram-se sempre dentro deles, nunca fora. E mais: que exigir dessa nova geração elétrica que se dirijam para o futuro com um olhar no espelho retrovisor do passado é o mesmo que querer que uma águia nade. Assim, do enunciado do autor, o que se pode apreender é que está dentro da própria instituição escolar a resposta às urgências desses sujeitos contemporâneos.

A crescente expansão dos multimeios e hipermídias apresenta novas questões e desafios para o âmbito das atividades educacionais. Cumpre, pois, distinguir o lugar central que eles ocupam na constituição do mundo e de suas instituições, entre elas a escola. Explicitado de outra maneira: urge pensar a respeito de qual é o espaço da educação, do educador, dos alunos, dos media e dos “news media” neste novo cenário social no qual mídia, tecnologia e educação, ainda que digam respeito a elementos de estatutos distintos, possam ser afinados de tal forma que sejam postos a serviço da formação de indivíduos originais,

críticos, solidários, participativos, cooperativos e respeitosos para com as diferenças individuais e culturais.

Nesse (e desse) cenário contemporâneo emergiu o objeto desta reflexão, sob a seguinte questão-problema: como os acadêmicos concluintes em 2013 nos cursos de graduação da UNIDAVI em Rio do Sul (SC) se apropriam das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e como encaram a questão da leitura e da informação no seu cotidiano, de maneira a construir e reconstruir criticamente o conhecimento, nos espaços pedagógicos formais e nos não formais. A análise e discussão dos dados aqui propostas referem-se apenas a um recorte dos resultados totais alcançados pelo levantamento Survey realizado em 2013 naquela IES catarinense.

EDUCAR COM E PARA AS MÍDIAS COM CRITICIDADE

O fenômeno do tudo-agora, da instantaneidade, da interatividade, da sociabilidade, do volume de conteúdos produzidos e consumidos nos suportes tecnológicos de informação e de comunicação tem promovido amplas discussões sobre a necessidade de se realizar, no que tange aos espaços educacionais, uma reflexão e um novo olhar sobre o agir e o fazer pedagógico. Debates que não raras vezes desembocam em propostas para se rever o formato vigente da escola que ora vê as tecnologias de forma utilitarista, ora como apanágio de modernidade, e não como uma efetiva possibilidade de ferramenta didático-pedagógica colaborativa e cooperativa.

Nesse sentido, Perrenoud nos ajuda a refletir que,

[...] formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (2000, p. 126.).

Na mesma ótica de Perrenoud (2000), Kellner (2012) defende que os sujeitos precisam nos dias atuais aprender a encontrar o que necessitam saber, quando o necessitam saber, e desenvolver competências intelectuais para analisar e avaliar se a informação que encontraram é útil para o que querem saber. Para esse autor, como cidadãos comprometidos com uma sociedade justa e democrática, nos espaços pedagógicos tanto os educadores quanto os estudantes de hoje devem desenvolver um pensamento crítico e possuir uma capacidade de expressarem-se através das muitas linguagens propiciadas pelos multimeios. “Os novos

ambientes de multimídia precisam de uma diversidade de tipos de interações multissemióticas e multimodais, que envolvem a interface com palavras e material impresso e, bem frequentemente com imagens, gráficos e materiais de áudio e de vídeo” (Kellner, 2012).

Kellner (2012) postula dessa maneira uma urgência para que tanto professores quanto estudantes se alfabetizem para a informática, uma alfabetização que, segundo ele, “envolve a habilidade de descobrir e acessar informação e habilidades intensificadas de ler, de esquadrihar textos, bases de dados e web sites bem como acessar informações e imagens numa variedade de formas”.

Em vários ensaios e livros, Demo (2007, p. 559) corrobora o pensamento de Kellner (2012) e defende que na contemporaneidade, associada à alfabetização tradicional, faz-se necessário uma alfabetização para as novas mídias e suas linguagens, gramáticas e sintaxes características e específicas do mundo digital. Ele não propõe que se elimine a aprendizagem sistemática de ler, escrever e contar, mas defende que a escola que persiste nesta única alfabetização, não mais alfabetiza seja na primeira série, seja na nona: “Ainda é comum que alunos da 9ª série leiam, mas não entendam o que leem. São, pois, analfabetos, não sabem pensar. E a escola, assim, não prepara para a vida, porque nega aos alunos, inúmeras outras alfabetizações” (DEMO, 2007, p. 559).

Assim como McLuhan (1969), Perrenoud (2000), Kellner (2012) e Demo (2007) sugerem uma pedagogia crítica, cada um em seus campos de ação, Jenkins (2008) em suas análises sobre o fenômeno da convergência midiática e da cultura participativa também tem nos propiciado reflexões sobre as necessidades de uma educação contemporânea que una habilidades e competências do uso crítico das mídias e suas tecnologias em sala de aula. Ele escreve: “Precisamos reavaliar os objetivos da educação midiática para que os jovens possam se ver como produtores culturais e participantes, e não simplesmente como consumidores críticos ou não” (JENKINS, 2008, p. 259). Para o autor, essas habilidades e competências são construídas sobre as bases de uma alfabetização tradicional em parceria com aptidões de pesquisa, de técnicas e de análise crítica que devem ser ensinadas nas salas de aula. Ou seja: tecnologia e mídia, como salientam Kellner e Share (2008) não podem ser vistas nem entendidas como meros instrumentos técnicos, muito menos como vidraças transparentes, pois se vistas assim, as mensagens ficam neutralizadas, os sujeitos tornam-se benevolentes com esta indústria de bens simbólicos e a democracia perde sua essência e representatividade. “Nossa dependência da mídia nos leva a renunciar nossa participação ativa e nossos deveres cívicos de questionar, desafiar e corrigir injustiças sociais” (KELLNER; SHARE, 2008, p. 706).

PESQUISA E PERCURSO METODOLÓGICO

O objetivo geral da pesquisa foi mapear os hábitos dos acadêmicos concluintes no ano de 2013 nos diferentes cursos de graduação da UNIDAVI sobre o modo como se informam e como se comunicam pelas diferentes TIC e seus suportes midiáticos e como encaram a questão da leitura e da informação no seu cotidiano, de maneira a construir e reconstruir o conhecimento subjetivo.

Sob o aspecto metodológico o presente estudo tem sua base no método estatístico por amostragem probabilística aleatória simples, com um desvio padrão de 7%, embora se reconheça que tal método e algumas de suas técnicas possam ser vistas como desagregadoras e limitantes. Gil (2009, p. 17) reconhece tais limitações. Entretanto lembra que, ao se fundamentar na aplicação da teoria estatística da probabilidade, esse método se constitui em um importante auxílio para as investigações realizadas no campo das Ciências Sociais. Conforme salienta, mesmo não possibilitando considerar absolutamente verdadeiras as explicações resultantes dos dados obtidos, elas são dotadas de boas probabilidades de serem verdadeiras.

Para tal empresa utilizou-se como universo os 626 acadêmicos concluintes e efetivamente matriculados no primeiro semestre de 2013, nos 21 cursos de graduação e instalados nos quatro campus da IES (Rio do Sul, Ituporanga, Taió e Presidente Getúlio). A amostra foi escolhida por sorteio, contemplando o critério de que estivessem representadas todas as grandes áreas do conhecimento reconhecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com cursos regulares na UNIDAVI. Com base nestes dados foi aplicado o desvio padrão, o que resultou em um total de 168 questionários, aplicados voluntariamente nos acadêmicos das graduações em Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Pedagogia, Administração em Marketing, Sistemas de Informação e Tecnologia em Design de Interiores.

O perfil da amostra, quanto aos dados sociodemográficos são os seguintes: 66,1% são do gênero feminino e 33,9 do masculino. A maioria absoluta (81%) está na faixa etária dos 18 aos 25 anos de idade. Também se constituem maioria os que declararam ser solteiros (as), isto é, 78,6%. Sondou-se ainda qual a renda familiar mensal destes atores pesquisados. A renda familiar é entendida aqui como a soma da renda de todos os moradores da residência, incluindo o respondente, e tomou-se como base na elaboração das faixas salariais do instrumento de coleta de dados, o salário mínimo estabelecido pelo decreto 7.872/2012, que era de R\$ 678,00. Os percentuais obtidos indicam que 42,3% estão na faixa de um a três

salários mínimos, embora seja significativa a parcela (32,7% dos respondentes) dos que se encontram no patamar de uma renda familiar de quatro a sete salários mínimos. Relativo à questão da renda própria dos acadêmicos, apurou-se que 90,5% deles são assalariados, o que significa que se encontram no mercado de trabalho, mesmo que não atuando em suas áreas de formação. Para uma melhor visualização desses dados, estes se encontram no quadro 1:

Quadro 1 – Perfil da amostra quanto à renda própria, por gênero e faixa salarial.

Renda própria	Não Resposta	Menos de 1 SM/mês	De 1 a 3 SM/mês	De 4 a 7 SM/mês	De 8 a 10 SM/mês	Acima de 10 SM/mês	Total
Sexo							
Masculino	3,1%	1,2%	22,6%	6,5%	0,6%	-	33,9%
Feminino	5,8%	3,0%	50,6%	6,0%	-	0,6%	66,1%
Total	8,9%	4,2%	73,2%	12,5%	0,6%	0,6%	100%

Fonte: Pesquisador

Em relação aos seus objetivos, a pesquisa tem caráter descritivo, uma vez que os dados coletados, mensurados e analisados permitem realizar uma descrição do perfil do grupo estudado. Sob a ótica dos procedimentos, ela é de ordem quantitativa e se delinea como um levantamento Survey.

Na coleta de dados, ocorrida entre os meses de setembro e novembro de 2013 empregou-se um questionário estruturado em seis blocos específicos, totalizando 40 perguntas fechadas, algumas de escolha única, outras de múltipla escolha, de forma que o conjunto delas traçasse o perfil proposto na pesquisa. É importante ressaltar que a não resposta a uma questão geralmente acontece quando o ator social não possui conhecimento suficiente sobre o tema/assunto ou quando se opõe a responder o questionamento feito. Para efeitos de tabulação e mensuração dos resultados, e sua respectiva apresentação nas tabelas e quadros, disponibilizamos duas opções: “Não sabe” e “Não respondeu”.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

A Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas referente ao ano de 2012, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), em sua abordagem quanto ao uso do computador, da internet e a posse de telefone celular no Brasil apontou que 46% dos domicílios brasileiros possuem pelo menos um computador (mês, portáteis ou tablets), o que equivale em números absolutos 28,1 milhões de

domicílios com computador, dos quais quatro entre dez domicílios, isto é 40% deles, possuem acesso à internet, ou seja, em dados absolutos 24,3 milhões de residências brasileiras possuíam algum tipo de acesso à Internet em 2012.

Aquele estudo revelou, também, que a banda larga fixa (por meio das tecnologias a cabo, rádio e DSL, por exemplo) se constitui como o principal tipo de conexão, presente em cerca de dois terços (67%) dos domicílios e que houve um crescimento no acesso por meio da tecnologia 3G. Em 2012 este número é de 21%, superando a conexão discada, que responde pelo percentual de 7% das residências.

Esse quadro do uso da banda larga é bem próximo ao obtido em nosso estudo junto aos concluintes na UNIDAVI: dos sujeitos abordados, 68,5% acessam a Web via DSL, rádio ou cabo, 15,5% usam a tecnologia 3G, outros 16,1% utilizam redes públicas Wi-Fi. Na amostra deste nosso estudo não foi observado o acesso discado.

Ainda de acordo com o levantamento realizado pelo CGI.br, a maioria, ou seja, 69% dos usuários de Internet no Brasil emprega diariamente a rede mundial de computadores. No caso dos acadêmicos da UNIDAVI que participaram voluntariamente desse nosso levantamento, este percentual é de 100% dos sujeitos-informantes.

Relativo ao tipo de equipamento utilizado pelos acadêmicos parece possível conceber que eles se plugam à aldeia global com as ferramentas tecnológicas que lhes permitem maior mobilidade, portabilidade e acessibilidade: 70,8% usa notebook; 60,1% celular/smartphone; 11,9% netbook. Os desktops respondem por 28% e os tablets, 1,2%. (Nesta questão era permitido até duas respostas, por isso o somatório de frequências ultrapassa os 100%).

A pesquisa do CGI.br, revela que o usuário da Internet no Brasil em 2012 tem como principal característica aproveitar a rede para a comunicação (uso de redes sociais e ferramentas de mensagens instantâneas), procurar diversos tipos de informações através da ferramenta de busca Google e, ainda, para lazer. Em nosso estudo, quando perguntamos quais os principais usos da internet pelos alunos, observou-se que pesquisar temas para estudos (73,8%), se comunicar por mensagens instantâneas (82,7%) e compartilhar arquivos (40,5%) são os itens mais recorrentes. É importante ressaltar que também aqui o somatório de frequências em questões de múltipla escolha usualmente ultrapassa 100%. No caso eram permitidas até três respostas, no máximo.

No que concerne aos usos educacionais da internet observou-se que a maioria absoluta (98,2%) tem no buscador de conteúdos Google o seu principal caminho para encontrar aquilo que procura na Web. Em nosso instrumento de coleta de dados foram elencados os 16 sites/portais educativos mais populares entre os estudantes brasileiros e dos quais os sujeitos-

informantes poderiam citar até três opções. A Wikipédia obteve 79,2% de indicação como referência basilar para pesquisas escolares e complementação de conteúdos de aula. Os outros três com maior índice de popularidade são Brasil Escola com 23,8%; Info Escola com 17,9% e o Guia do Estudante com 15,5%.

A navegação por links e hipertextos, que possibilita ao internauta personalizar e até mesmo ampliar a sua leitura é uma das características principais da internet, uma vez que ela fornece possibilidades de leituras multimodais por meio de fotos, áudios, vídeos, infográficos e novos textos relacionados ao assunto pesquisado/lido. Sobre o hábito da navegação por links, os resultados obtidos indicam que 63,7% dos estudantes navegam em hipertexto.

Em um segundo módulo do instrumento de pesquisa aplicado, nosso levantamento procurou desvelar a questão do uso e apropriações das redes sociais pelos acadêmicos. A maioria esmagadora (95,2%) diz acessar uma ou mais rede social, e destes, 76,8% acessam diariamente. Também se constitui maioria aqueles que usam o Facebook (91,1%), seguido pelo YouTube com 69,6% de citações, embora o Google+ (39,9%) e o Instagram (17,9%) estejam entre as que obtiveram índices de citações acima dos 10 pontos percentuais. E nessas redes, o uso mais comum (48,2%) é para comunicação instantânea com seus pares.

Seja fetiche, modismo ou até mesmo uma nova forma de sociabilidade, neste caso, a virtual, o certo é que as redes sociais tornaram-se ferramentas “obrigatórias” dos cidadãos planetários, ou quase uma extensão deles próprios, se tomarmos aqui como referencial as teorias de McLuhan (2003) de que os meios de comunicação e informação são extensões de um ou de vários sentidos do homem.

Nosso instrumento de coleta de dados procurou levantar esta questão, no que concerne ao uso e às apropriações das redes sociais pelos sujeitos-informantes. A maioria esmagadora (94,6%) diz acessar uma ou mais rede social. Também se constitui maioria aqueles que usam o Facebook (89,9%), seguido pelo YouTube com 57,6% de citações, embora o Google+ (36,6%), Twitter (19,9%) e Orkut (16,7%) estejam entre as redes que obtiveram índices de citações acima dos 10 pontos percentuais.

Relativo à frequência com que os pesquisados acessam as redes sociais, os números sistematizados na tabela 1 parecem comprovar que de fato a sociedade e seus atores vivem o paradigma da conectividade e da interatividade.

Tabela 1 – Frequência de acesso às redes sociais pelos acadêmicos concluintes

	Frequência	%
Não respondeu	7	4,2%
Todos os dias	129	76,8%
Dia sim, dia não	10	6,0%
Cerca de três vezes por semana	8	4,8%
Mais ou menos uma vez por semana	9	5,4%
Raramente, pois não tenho tempo	5	3,0%
Total	168	100%

Fonte: Pesquisador

Quanto à questão das finalidades de uso destas redes, mais uma vez percebe-se o indício de que a sociabilidade contemporânea cresce no campo da virtualidade, uma vez que utilizar as redes sociais para comunicação instantânea com seus pares tem a preferência dos sujeitos pesquisados em nossa amostra, como pode ser mais bem visualizado na tabela 2.

Tabela 2 – Finalidade de uso das redes sociais pelos acadêmicos

	Frequência (*)	%
Não respondeu	7	4,2%
Para pedir ajuda e dicas para trabalhos escolares	40	23,8%
Para pedir ajuda e dicas para trabalhos profissionais	18	10,7%
Para buscar notícias e novidades	68	40,5%
Para compartilhar fotos e vídeos	44	26,2%
Para comunicação instantânea	81	48,3%
Apenas para me sentir uma pessoa atualizada/moderna	5	3,0%
Para passar o tempo de forma mais divertida	36	15,5%
Total de respondentes: 168		

(*) O somatório de frequências em questões de múltipla escolha usualmente ultrapassa 100%. No caso eram permitidas até duas respostas, no máximo.

Fonte: Pesquisador

Entre um dos objetivos desse estudo estava saber que tipo de informações disponibilizadas na rede, especialmente nos portais e sites noticiosos, os acadêmicos concluintes na UNIDAVI em 2013 consumiam. Na elaboração do questionário elencamos os 24 temas mais recorrentes nos principais sites e portais nacionais e regionais de notícias. Neste quesito, de escolha múltipla, era possível assinalar até cinco opções. Os cinco assuntos preferenciais, com os maiores índices percentuais de citação, encontram-se representados na tabela 3, por ordem percentual apurada.

Tabela 3 – Cinco assuntos/temas mais lidos pelos acadêmicos na internet por percentual de citações.

	Frequência (*)	%
Concursos e empregos	55	32,7%
Música	55	32,7%
Moda e beleza	54	32,1%
Sexo	53	31,5%
Humor	49	29,2%
Total de respondentes: 168		

Fonte: Pesquisador

(*) O somatório de frequências em questões de múltipla escolha usualmente ultrapassa 100%. No caso eram permitidas até cinco respostas, no máximo.

A facilidade com que os nativos digitais consomem informação, tecnologias e bens simbólicos, no entanto, parece estar um pouco distante do que muitos teóricos da cultura digital e da mídia-educação tem advogado em relação ao uso, consumo, apropriação, construção e reconstrução de um conhecimento. Trucano (2012) é um dos estudiosos desse tema e faz um alerta:

O aprendizado rápido e o evidente domínio das funções mecânicas de determinado processo ou do uso de determinada tecnologia (publicar mensagens no Facebook, por exemplo, ou jogar um jogo de videogame inédito) não devem ser confundidos com o domínio do uso eficaz das diversas ferramentas tecnológicas às quais os jovens são expostos de modo relevante para as suas próprias vidas e comunidades. Uma coisa é ser capaz de “encontrar” um “fato” através de um mecanismo de busca; outra coisa, completamente diferente, é encontrar os “fatos” mais relevantes, analisá-los e avaliar sua relevância para determinada tarefa, sintetizando sua importância e compartilhando os resultados com outros para provocar uma ação-resposta específica. No primeiro caso, demonstra-se familiaridade com determinado processo, no segundo, aprende-se de fato (TRUCANO, 2012, p. 71).

Essa abordagem de Trucano (2012), Castells (2005) já vem fazendo desde o início deste século XXI: que a pior e mais perversa exclusão humana na sociedade digital, e da qual poucos falam não se constitui em não estar conectado à rede, mas sim estar ligado a ela e não saber usufruí-la. Escreve Castells (2005, p. 5): “a mais importante forma de ser excluído é estar conectado à rede e não saber qual acesso usar, qual informação buscar, como combinar uma informação com a outra e como a utilizar para a vida”.

Nosso estudo tinha entre um de seus objetivos prospectar de que forma e com qual grau de frequência os acadêmicos se apropriam das novas e/ou tradicionais mídias para se informar e, com elas construir e reconstruir novos conhecimentos. Quando sondados sobre tais usos e apropriações, os resultados expostos na tabela 4 não chegam a surpreender,

considerando-se que o grupo amostral pesquisado enquadra-se no perfil descrito como nativos digitais, alunos 2.0, ou filhos do hipertexto e da mídia na tela.

Tabela 4 – Frequência de leitura de internet, jornais, revistas e livros pelos acadêmicos.

	Internet	Jornais	Revistas	Livros
Todos os dias	100%	14,9%	3,0%	14,3%
Dia sim, dia não.	-	7,1%	5,4%	8,3%
Cerca de três vezes por semana	-	17,9%	13,7%	14,3%
Mais ou menos uma vez por semana	-	22,6%	33,3%	28,0%
Raramente	-	37,5%	44,6%	35,1%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisador

Os baixos índices percentuais apurados no que diz respeito ao uso e apropriações das chamadas tecnologias analógicas e estritamente lineares de matriz enraizada na cultura tipográfica não são surpreendentes, porque parecem estar intimamente ligados a uma cultura da qual a tribo do tudo-agora não é herdeira no mundo da virtualidade e do hipertexto.

Nas tabelas 5 e 6, retomamos a questão dos assuntos/temas preferenciais de leitura por parte dos acadêmicos concluintes. Percebe-se pequenas, quase insignificantes, alterações quanto ao foco temático que desperta a atenção dos sujeitos-informantes para a leitura.

Tabela 5– Cinco assuntos/temas mais lidos pelos acadêmicos nos jornais, por percentual de citações.

	Frequência (*)	%
Notícias Locais	68	40,5%
Previsão do tempo	64	38,1%
Brasil e Mundo	53	31,5%
Educação	44	26,2%
Esportes	43	25,6%
Total de respondentes: 168		

Fonte: Pesquisador

(*) O somatório de frequências em questões de múltipla escolha usualmente ultrapassa 100%. No caso eram permitidas até quatro respostas, no máximo.

Tabela 6 – Cinco assuntos/temas mais lidos pelos acadêmicos nas revistas, por percentual de citações.

	Frequência (*)	%
Moda	60	35,7%
Saúde	47	28,0%
Brasil e Mundo	46	27,4%
Gente/vida dos famosos	46	27,4%
Esportes	42	25,0%
Total de respondentes: 168		

Fonte: Pesquisador

(*) O somatório de frequências em questões de múltipla escolha usualmente ultrapassa 100%. No caso eram permitidas até quatro respostas, no máximo.

Como já demonstrado na tabela 4, dos sujeitos-informantes, 35, 1% deles raramente costuma ler livros, e outros 28,0% afirmam lê-los mais ou menos uma vez por semana. Sondados sobre a compra de livros os pesquisados informaram que raramente os compram (46,4%), 19,0% nunca compram e 3,6% deles o fazem só quando a instituição escolar obriga. Apenas 31% dos integrantes da nossa amostra afirma comprar livro espontaneamente.

No mesmo módulo do instrumento de coleta de dados empregado por esse nosso estudo procuramos averiguar também qual o grau de compreensão dos textos que os concluintes da graduação da UNIDAVI em 2013 possuem. Os resultados apurados neste quesito estão na tabela 7.

Tabela 7 – Nível de compreensão dos textos pelos acadêmicos concluintes

	Frequência	%
Compreende na primeira vez	96	57,1%
Lê várias vezes para compreender o que está escrito	66	39,3%
Raramente consegue compreender o que o texto quer dizer	5	3,0%
Não consegue compreender o que está escrito	-	-
Pede auxílio a alguém para ajudá-lo a interpretar o texto	1	0,6%
Total	168	100%

Fonte: Pesquisador

Os dados até aqui apresentados não expõem apenas o distanciamento que a geração mídia na tela tem da cultura linear tipográfica. Demonstram que esses novos atores sociais com seus sentidos cada vez mais comprometidos com o virtual e digital, da forma como já enunciava McLuhan em seus escritos dos anos 1960, encontram cada vez mais dificuldades em ler e compreender um texto. Ou seja, aquilo que Demo (2007) já nos aportou, de que não

são raros os casos em que os alunos deixam as salas de aula, diplomados, mas analfabetos porque não sabem pensar. Os resultados constantes na tabela 7 podem ser um indício claro de que isso está ocorrendo numa velocidade quase incontrolável, vindo ao encontro do que Perrenoud (2000, p. 129) salienta: “a escola tem dificuldades para atingir seus objetivos atuais, mesmo os mais fundamentais, como o domínio da leitura e do raciocínio”.

Outra questão norteadora do estudo que empreendemos tinha por objetivo desvelar os usos e as apropriações tecnológicas por parte dos acadêmicos, muitas vezes, mais pelo fetiche da técnica e da modernidade, do que pela necessidade da sua emancipação enquanto um sujeito crítico, político e engajado no mundo contemporâneo que necessita de urgentes readequações sociais, mais justas e igualitárias.

Nesse sentido procuramos averiguar qual a sua noção de criticidade quanto ao consumo dos bens simbólicos circulantes nas redes telemáticas e na qual nadam feitos peixes prontos a serem fígados pela próxima novidade da indústria ávida em fomentar o consumo das tecnologias e dos seus aplicativos.

Em um levantamento que realizamos em 2012 junto aos acadêmicos ingressantes da UNIDAVI, com o propósito de descobrir se ao chegarem à universidade aqueles estudantes teriam sido alfabetizados “para compreender os contextos socio-políticos, econômicos, históricos e sociais em que todas as mensagens são escritas e lidas” (PERRENOUD, 2008, p. 706), descobriu-se que o grau de criticidade em relação ao que consumiam de conteúdos midiáticos era preocupante. Mais da metade deles, ou seja, 60,2% dos pesquisados à época, ao serem questionados sobre origem e qualidade da informação consumida demonstravam desconhecimento ou interesse em saber “porque as notícias (internet, jornais e/ou revistas) são publicadas muitas vezes com ênfase pela mídia”.

No ano de 2013 voltamos a realizar idêntica sondagem, agora junto aos acadêmicos concluintes, pressupondo que a vivência universitária e os possíveis aportes obtidos em seus cursos de graduação (nos níveis de tecnólogo, licenciatura e bacharelado) tenham provocado alterações consideráveis. Comparativamente aos resultados obtidos com os ingressantes, o índice percentual obtido com os concluintes é inexpressivo, ou seja, apenas 4,9% menor do que os apurados com os calouros. Isto é, entram, vivenciam e saem do ambiente propiciado pela universidade sem se questionar criticamente porque as informações são o que são, a que interesses elas estão servindo, como está detalhado no quadro 2.

Quadro 2 – Apropriação crítica dos conteúdos midiáticos, por gênero dos acadêmicos.

Conclusão sobre leitura	Sexo	Masculino	Feminino	Total
Sempre fatos importantes para informar a comunidade		31,6%	35,1%	33,9%
Porque foram escolhidas pelo veículo como fatos importantes para os leitores		21,1%	20,7%	20,8%
Porque há interesse de terceiros na divulgação de apenas determinados fatos para a sociedade		31,6%	19,8%	23,8%
Nunca pensei sobre esse assunto do porque as notícias são divulgadas pelas mídias		15,8%	24,3%	21,4%
Total		100%	100%	100%

Fonte: Pesquisador

Estes resultados mostram a outra face da moeda no que tange a discussão acerca de mídia-educação, alfabetização com e pelos meios, ou pedagogia crítica da mídia. Percebe-se que promover esta leitura crítica dos conteúdos midiáticos não requer apenas habilidades e competências para ler linearmente ou hipertextualmente, nem de esquadrihar as múltiplas linguagens de cores, sons e imagens presentes em sites, filmes, vídeos, como também nos outros suportes midiáticos mais tradicionais. Uma das competências e habilidades que se está a exigir na formação e na atuação do professor de maneira que este possa contribuir no processo de leitura crítica dos alunos vai além de saber manusear tecnologias: parece importante e necessário que ele domine, antes de tudo, as principais teorias que vão lhe propiciar suporte ao desvelamento das mazelas ideológicas, políticas, sexistas, etnocentristas, nacionalistas embutidas em cada notícia, em cada texto, em cada foto ou audiovisual. Refiro-me aqui às teorias oriundas do campo da comunicação, do jornalismo, especialmente a Teoria da Agenda Setting, a do Newsmaking, a do Gatekeeper e a da Espiral do Silêncio.

Tais domínios podem ajudar, sim, fazer saltar aos olhos dos consumidores midiáticos porque certas coisas tem seu lugar no rádio, nos jornais, nas revistas, na TV, nos sites, e outras são silenciadas. Conhecer os dispositivos usados por jornalistas e empresas de comunicação na fabricação do fato, na sua ordenação e hierarquização em busca do espetáculo, da audiência e do lucro pode, sem dúvida, ser um passo importante para que se promova efetivamente a leitura crítica do mundo editado e exibido na mídia na tela. Mais do que isso, formar cidadãos e profissionais menos esponjas que tudo absorvem, ao contrário, que sejam alertas e críticos às malhas que os prendem em redes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito da nossa investigação baseada em dados obtidos junto a um grupo específico de sujeitos sugere que o educador que pretenda ser eficaz naquilo que constitui a educação tem de ser capaz de repensar não só o seu fazer didático-pedagógico, mas, acima de tudo, entender que a cultura não é estática ou morta, mas sim construída cotidianamente de forma socializada. Essas ponderações sugerem que os educadores, na sociedade do espetáculo, da instantaneidade, do virtual, da mobilidade, do tudo-agora, procurem reconhecer, antes de tudo, que os espaços de educação também são espaços de comunicação, nos quais agem, interagem e reagem atores em diferentes relações sociais, interpessoais, grupais e institucionais. E que as mídias são educadoras, ao seu modo, e que elas não seguem paradigmas da cultura escolar.

É razoável admitir que caiba à educação para os meios o papel de ajudar, tanto aos docentes quanto aos estudantes, entender de onde provém a informação, a serviço de que interesse pode estar e como é possível encontrar pontos de vista alternativos aos apresentados pelos suportes midiáticos e tecnologias de comunicação e informação. Como bem salienta o *Center for Media Literacy* (2003, p. 12), em seu *Conjunto de Herramientas para Alfabetismo em Médios*, “alfabetizar [educar] para os meios não quer dizer não olhe; quer dizer olhe cuidadosamente, pense criticamente”.

REFERÊNCIAS:

CASTELLS, Manuel. O Caos e o Progresso. Porto Alegre, março 2005. **Jornal Extra Classe**, ano 10, n. 89, p. 4, março 2005. Entrevista concedida à Keli Lynn Boop.

CENTER FOR MEDIA LITERACY. **Conjunto de Herramientas para Alfabetismo en Medios**: un marco de referencia para aprender y enseñar en la era mediática. Santa Monica: Eduteka, 2003. [repro].

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2012. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

DEMO, Pedro. **Alfabetizações**: desafios da nova mídia. Ensaio: Avl. Pol. Publ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n.57, p. 543-564, out/dez. 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed., São Paulo: Atlas, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

KELLNER, Douglas. **Novas Tecnologias: novas alfabetizações.** (reconstruindo a educação para o novo milênio). Texto não publicado e traduzido por Newton Ramos de Oliveira, Pesquisador do Grupo "Teoria Crítica e Educação", núcleo de S. Carlos (UNESP/UFSCar/CNPq). 2012.

_____.; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. In: **Educação e Sociedade.** v. 29, n. 104, p. 687-715. Campinas: Cedes/Unicamp, 2008.

MCLUHAN, Herbert. L'avenir de L'education: la génération de 1989. In: _____. **Mutations 1990.** Paris: Ed. Name, 1969.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIDEOUT, Victoria J.; VANDEWATER, Elizabeth A.; WARTELLA, Ellen A. **Zero to Six: electronic media in the lives of infants, toddlers and preschoolers.** Disponível em: <http://kff.org/other/report/zero-to-six-electronic-media-in-the/> Acesso em: 10 dez. 2011.

TRUCANO, Michael. Alguns desafios para os formuladores de políticas educativas na era das TIC. In: **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2012.** São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.